

Todas as mulheres e outros textos

Um monólogo, dois contos e alguns poemas

Vicente Portella

Todas as mulheres

Um monólogo

Muito prazer, sou Adélia
Não sou, felizmente, virgem, mas tenho lábios
de mel.
Não tenho muitas razões e nem paixões de
aluguel
Mas amo terrivelmente as coisas todas que vejo
Nem todas, é bem verdade,
mas quase todas, e beijo, esbanjando
intensidade.

– Meu nome é mesmo Adélia.
Gosto de dizer pra todos que quero ser
dançarina,
mas brinco de ser felina e gosto mesmo é do
dia,
da noite e da madrugada.
Às vezes chego cansada ao meu ponto de
partida
apresentando nas faces
a coloração vermelha.
É o meu sangue aguçado percorrendo minhas
veias,
quase que em desespero.
Sigo a vida pelo cheiro que se desprende
do corpo
em suor, chama, centelha...
Sou jovem, balzaca, velha.
Sou o que me der na telha.
Sou o traço que um poeta
rabisca em algum papel de forma aleatória.
Não faço parte da história, pois na verdade eu
invento

sempre o meu próprio roteiro.
Amar, amo o mundo inteiro.
Da vida não abro mão.

//

Quando jovem sou a corsa que ansiosa e
deslumbrante
atravessa a madrugada lançando mão dos
delírios.
Espalho todos os brilhos e cheiros de que
disponho.
Atiço os teus hormônios.
Atrevo-me sempre mais.

Rodopiando no cais fumo, bebo, jogo, lanço
meus tentáculos, e danço
com qualquer moça ou rapaz
que cruzar o meu caminho.
Das rosas, retiro o espinho.
Dos cravos, inalo o aroma.
Amo amores de Sodoma, de Madri, de Calcutá...
Da Lapa ao Jardim de Alá.
Amo as luzes do cenário.
Mas, muito além de amar,
eu brigo se necessário
e cobro dos donatários
que exercem o poder meu direito de viver
da maneira que eu quiser.

III

— Quando balzaca sou chama de atenta
sagacidade.
Se antes eu transbordava do cálice a bebida,

agora ela é sorvida com os rigores da paixão.
Exijo todas as loas dos amores triviais
E nunca mesmo,
jamais, permito-me amar em vão.
A ânsia do meu desejo flui de mim eternamente,
mas percebo, sutilmente,
a arte que nos faz gente,
escapar por nossos dedos.

Persigo o amor nos escombros da guerras do
dia à dia
mas equilibro meus medos.
Prezo demais meus segredos,
reclamo, rejeito as farsas.
Não permito que me imponham regras de
comportamento
e nem acato, calada, vontades que não são
minhas.
Já sei ler as entrelinhas dos contratos sociais
e nego a assinatura.
Nem cláusula nem clausura.
Viver pra mim é bem mais que parir bens de
consumo.
Ao invés de algum chicote estalando em minhas
costas,
quero de bom grado o toque
de dedos ágeis, macios,
na minha nudez exposta.

IV

– Se me transfiguro em velha sei o segredo
das coisas.

Acumulo em meus olhos os raios da eternidade.
E então exorto aos jovens que jamais sejam
covardes.
Que revirem o planeta
Revolucionem o universo.
Eu prego que os insurretos avancem sobre as
estrelas
desalojando os tiranos.

Olhando minhas mãos eu vejo a marca firme
dos anos
e todo o desassossego das batalhas que travei.

Já fui escrava e vaguei
por um deserto infinito.
Carreguei pedras no Egito
para faraós soturnos erguerem seus mausoléus.
Em Rodes colaborei com a construção de um
colosso
que protegia a cidade.
Lutei pela liberdade com os artifícios da cama.
Em Roma fui açoitada.
Da África, sequestrada.
Em nossas praias vi corpos boiando em um mar
escuro.
Vi tudo isso, mas juro,
jamais pensei ver um dia escravos opcionais.

Não admito que seres
humanos que nascem livres
permitam que suas vidas
sejam subjugadas por elementos nocivos.
Eu amo o amor dos vivos.
Libertas quae será também.

V

– Minhas pálidas mãos.
Uma estrutura complexa e flexível, feita de
carne, cartilagem e ossos.
Uma concha, uma teia, uma garra
especialmente construída
para o toque, para a carícia ou para o soco.

Mãos que pousam sobre o dorso dos que amam
feito loucos
e percorrem os caminhos do corpo explorando
os vãos.
Apenas um par de mãos.
Miúdas, velhas, estáticas.
Expostas e sorumbáticas
diante de um mundo turvo.

– Não reconheço estas mãos, toscas,
que saltam, de forma brusca,
e estouram, mediocrementemente,
na flacidez do meu rosto.

Não são as mesma que outrora emprestavam-
me encantos
percorrendo-me o corpo todo
em horas de solidão.

Não são as mãos cujos dedos desvirtuavam
meu senso
colhendo vários sabores espalhados pelo
mundo
e me trazendo na boca
sumos de tantos amores.

Olhando assim, como estão, parecem mãos que
não tocam
nem mesmo acariciam corpos celestes no
espaço.

Mas, no entanto meus dedos vagaram plenos,
devassos,
por camas, becos e grutas
em noites agigantadas por gozo e sofreguidão.

— Juro à você,
essas mãos,
esfregavam no meu rosto as coisas todas da
vida.

Amores, dores, odores,
sensações descalibradas de prazeres
insensatos,

sentimentos abstratos de povo e de País.

São mãos de beleza e luta

Da destreza mais arguta

Mãos de pura habilidade

Mãos de santa e meretriz.

Com essas mãos fiz loucuras
e busquei a santidade.

Por elas tive vontade de caminhar pelas ruas

De brincar e ser feliz.

De correr o mundo todo...

Mãos que esfregadas no corpo
entranharam em minha pele um jeito estranho
de ser.

Foram estas mão que me deram
toda a noção de poder
que ostentei em meus olhos

nos anos incandescente
que construíram minha glória.

Com essas mãos, eu compus a minha história.
Conquistei minha alforria,
Tatuei minha miragem, meu sonho e minha
agonia
em pedras e pergaminhos para sempre
condenados
à atravessar as eras .
Por elas vivi as guerras,
por elas verti paixões.

VI

A maior de todas as aventuras
decerto é a eterna procura
por amor e liberdade.
Livre.
Ser eternamente livre.
Canto livre, pátria livre, corpo livre.
Livre até para se subverter.
Deixar de ser canto, pátria, corpo.
Deixar de ser qualquer coisa previsível,
amarrada, obrigatória e poder se transformar em
nada,
caso queira.
Ou se transformar em água, carne, vinho...
A liberdade não pode ser um espinho
encravado no fundo
da nossa garganta,
tutelada por um contrato,
com tempo de duração
e condições pré estabelecidas.

A liberdade é a vida correndo no leito manso,
esplendoroso ou bravio
de um rio inexplicável.

É narrar o inenarrável da forma mais absurda.

VII

— É proibido proibir! É proibido proibir!
Com canções assim, a alma balança.
É como se a febre da plenitude humana
penetrasse em cada poro,
cada pelo espalhado por cada pedaço do corpo.
É como se aquela alma sobressalente,
aquela que fica guardada em alguma gaveta do
cérebro,
escondida,
para não nos fazer passar vergonha
em família e em sociedade,
pulsasse de repente com gana e ferocidade
engolindo a outra alma.
A alma morta.
A alma que querem
que a gente use no dia a dia.
Aquela alma certinha, coerente, sensata
e profundamente cretina.
Que se conforma,
adere à tudo e reza todos os dias
para as penas serem mais leves.
Aquela alma que age como um escravo açoitado
clamando ao seu senhor:
“Só mais uma, por favor,
só mais uma chibatada”.

É essa alma bem comportada que vê-se,
deliberadamente, tragada pela outra,
que aflora,
enquanto a canção nos invade.
Se formos traçar um delta entre um ser,
obediente,
e um outro,
libertário,
encontraremos um vasto, sutil e inexplorado
espaço a ser percorrido.
O primeiro tem o peito sufocado e dolorido.
Quando ri é sem encanto,
quando chora é trivial.
O outro tem no semblante a essência magistral
do guerreiro absoluto.

É Alexandre da Grécia passeando com
bucéfalo,
semeando em vento bravo
os sonhos nunca sonhados.
Eu quero esse ser alado.
Esse Ícaro orgulhoso por suas asas derretidas.
Esse que, cantando a vida, desafiou o Deus sol.

VIII

— É bom ser livre de tudo
e galopar sem receio
por toda a imensidão.
É bom carregar nas mãos
a sobriedade e a ternura.
Soltar a alma na rua
para que ela procure

sua própria identidade.
É bom, ao cair da tarde,
deixar o corpo voar
seguindo a trilha do vento.
É bom sentir o momento
em que a vida floresce,
torna-se plena e madura.

IX

– As vezes uma saudade exótica
e incongruente convulsiona minha mente e eu
me sinto perdida.
Já não posso olhar a vida como uma bela
aventura.
É mídia, é Deus, é censura,
quase tudo me aporrinha,
amarra minhas mãos às costas
ou me impõe seus antolhos.
Na minha idade não posso nem mesmo erguer
os olhos,
sem sentir o eterno medo de tomar uma
porrada.
Maconha? Nem estragada.
Trombeta e cogumelo – a manita matutina –
viraram pó em saquinho
nos auto fornos da indústria
que envolve toda a cidade.
Sobraram fogos e balas.
É assim que os imundinhos,
que chegaram ao poder
se livram, solenemente,
de todo ser que atrapalha.

Meus olhos não são mais olhos
de ver paixão e poesia,
mas teleobjetivas, em aparelhos diversos,
amarfanhados nos bolsos,
da enorme e triste manada
que segue ao matadouro.

Quando se fala em boiada, logo se pensa no
estouro.

Mas essa segue calada, feliz e domesticada.
Com os cérebros, ao que parece,
desplugados da tomada
geradora de emoções.
Ao invés de cantar canções,
rezam, embriagados,
para um Deus – livre mercado –
que os traga redenção.

Dinheiro, muito dinheiro.
E que se fodam os sonhos
acumulados nos olhos
de toda a humanidade.

X

Na verdade esse mundo
me parece dominado por um bando de
covardes.

Ao invés de romper as grades
de sua própria prisão
vão inventando mil Deuses,
todos cruéis, como ingleses,
colonizando outras terras.